

# GAZETA MEDICA DA BAHIA

---

**DIRECTOR EFFECTIVO**

Prof. Dr. ARISTIDES NOVIS

---

**REDACÇÃO**

GONÇALO MONIZ, GARCEZ FROES, CAIO MOURA,  
J. ADEODATO, PRADO VALLADARES, MARTAGÃO GESTEIRA,

CESARIO DE ANDRADE,

FERNANDO LUZ, FLAVIANO SILVA, OCTAVIO TORRES.

Professores da Faculdade de Medicina

---

**REDACTOR-SECRETARIO**

Prof. ARMANDO SAMPAIO TAVARES

Assistente da Faculdade de Medicina

---

**VOLUME 60**

Numero 7 \* Janeiro de 1930

---

**BAHIA**

**ESTABELECIMENTO DOS DOIS MUNDOS**

35, Rua Conselheiro Saraiva, 35

---

1930

## SUMMARIO

---

CONFERENCIA—Do Prof. José Rodrigues da Costa Doria, perante o Instituto Geographico e Historico de Sergipe.....	Pag. 285
NOTICIARIO—Prof. Armando Sampaio Tavares...	» 307
CODIGO DE MORAL MEDICA .....	» 317
SOCIEDADE DE MEDICINA DA BAHIA.....	» 323
FALLECIMENTO—Prof. Carlos Pinto Seidl.....	» 329

## ASSIGNATURAS

### Pagamento adiantado

PARA A CAPITAL	FÓRA DA CAPITAL
Por um anno . . 15\$000	Por um anno . . 20\$000
Por seis mezes . 8\$000	Por seis mezes . 12\$000

Numero avulso 2\$000

---

Os academicos de medicina pagarão apenas 12\$000  
por anno ou 6\$000 por semestre.

---

A redacção não se responsabiliza pelos artigos assignados.  
Unico agente para a França—*Societé Fermière des Annuairees*  
53 Rue Lafayette—PARIS.

---

**REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO**  
**PRAÇA CASTRO ALVES (Edificio d'A Tarde)**  
**BAHIA**

# GAZETA MEDICA DA BAHIA

FUNDADA EM 1868

Vol. I.X

Janeiro de 1930

N. 7

## CONFERENCIA

DO

**Prof. José Rodrigues da Costa Doria**

PERANTE O

**INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DE SERGIPE**

Sejam minhas primeiras palavras de agradecimento ao Exmo. Sr. Presidente do Instituto Historico e Geographico de Sergipe pelas palavras lisonjeiras, e muito alem do meu merecimento, com que acaba de me apresentar ao publico aqui reunido, e declarando o fim desta sessão.

*Exmo. Snr. Representante do Presidente do Estado;*

*Exmas. Senhoras;*

*Meus Senhores:*

Foi um dia uma aguia que fez com o môcho um pacto de paz, esquecendo rixas e odios passados, e se promettendo, entre rigozijos e abraços, respeito mutuo e garantia á próle. O môcho, porem, não confiava muito, e fez ver á aguia seus temores, sendo ella rainha e poderosa, e por isso inclinada a não respeitar o accôrdo. A aguia reaffirmou á ave da sciencia sua sinceridade, e receiava apenas não poder poupar os filhinhos do môcho por não couhecel-os; pediu então que os

caracterizasse. Não tardou o môcho em photographal-os deste modo :

«São muito pequenitos,  
Mimosos como a flor, csveltos e bonitos  
Como não achas mais ;  
Tão bem feitos, tão bellos,  
Que por este retrato has de reconheccl-os». ( 1 )

Andava o môcho pela floresta a procurar alimento para si e para os seus pequenos, quando a aguia, num casarão velho e arruinado, encontrou o niuho, e dentro

«Uns monstrosinhos, de vóz tão repellente  
Tão mal feitos de corpo e tão desengraçados,  
Que ella disse consigo:  
Não ha que receiar; não são do nosso amigo». ( 2 )

E passa sem demóra a mettel-os no papo.

Chega o môcho, e logo cabe em desolação e lamentos; dos seus filhinhos restavam no ninho as pennas somente!

Mas eu não sou o môcho da fabula; não me illudo em relação á fealdade da minha produção, e da inaniidade das minhas palavras. Não quero tambem acobertar-me com um excesso de modestia, que antes revela vaidade do que moderação e honestidade. Não me acho nesta tribuna por iniciativa propria, por espontaneidade minha mas cedendo á insistencia autoritaria e amistosa do Exmo. Snr. Presidente do Instituto Historico e Geographico de Sergipe. Por isso reclamo do distincto e selecto auditorio, que acorreu a este pacifico e remansoso recinto para ouvir-me, toda a benevolencia de que é capaz sua generosidade, e de que me julgo com direito.

(1) Lafontaine. Traducção de Jayme Victor.

(2) Idem, idem.

Esta Associação scientifica, á qual tenho a honra de pertencer, tem fins alevantados e patrioticos quaes são o de estudar e adeantar a sciencia da Geographia e Historia, especialmente a Geographia e a Historia patrias, e o de concorrer, pelas suas reuniões, para o nobre intuito de estreitar as relações de amizade, e melhor firmar a grande virtude da solidariedade humana. Mas é preciso que as fallas aqui proferidas, que as dissertações litterarias ou scientificas aqui enunciadas, sejam sabias e eloquentes para convencer as intelligencias e emocionar os sentimentos no sentido do resultado almejado. Tudo agora falta—tanto saber quanto eloquencia, que realisa prodigios e milagres. De leitura já antiga resta-me a lembrança de haver S. Agostinho, por confissão propria, declarado que muito concorrera para sua conversão ao catholicismo a eloquencia de S. Paulo.

Uma conferencia se me exigiu. Mas sobre que thema? Qualquer que fosse o assumpto escolhido precisava de meditação, calma, e razoavel espaço de tempo para sua confecção, e de tudo careço nesta phase erradia da minha vida. Esta minha visita actual á terra querida e aos meus amigos é o seguimento de uma mais longa viagem fóra do paiz, e que mais me convenceu das palavras de Leopoldo Mabileau: «Não ha como viajar para longe para melhor conhecer, melhor amar e melhor servir seu paiz. No interior somos sobretudo tocados pelas taras, pelos defeitos e fraquezas que ahi se notam, como em toda communitade humana».

De facto: longe da patria, apreciando as conquistas moraes e o progresso material de outras nações, é que melhor podemos conhecer as nossas fraquezas e o nosso atrazo, que desejaríamos removidos. Somos um paiz novo, dirão. Mas para que serve a Historia, que deve

ser a mestra de todos os povos, e o exemplo das nações adeantadas? É verdade que somos uma raça em formação, constituída de elementos varios, adeantados uns, atrazados muitos, não caldeados ainda num typo uniforme, que possa alcançar as vantagens que uma raça constituída consegue obter da unidade de vistas, do concurso unisono á procura do bem e do bello; todavia o esforço e o trabalho dos mais adiantados muito pôde lograr dos outros elementos, ordinariamente imitativos e suggestionaveis. A elevação, o progresso rapido do Japão, sob o influxo de um monarcha intelligente e de vistas largas, adeantadas, e amante da liberdade, assombrando o mundo com a mudança quasi instantanea de uma nação obscura e atrazada para uma potencia de primeira ordem, pelo estudo, pelo trabalho assiduo e honesto, dão um frisante exemplo do muito que se pôde obter na vida material e moral dos povos, quando os bons principios animam os dirigentes, que por actos nobres e louvaveis são capazes de conduzir para o bem os seus subordinados. A bravura e a intrepidez do general torna valentes e denodados os exercitos. Já o grande poeta da lingua portugueza havia dito que «um rei fraco faz fraca a forte gente».

A pedra angular de todo o progresso é sem duvida a instrucção, sem a qual todos os elementos são improficuos ou inuteis em mãos incompetentes. A instrucção porém, deve ser real, efficaz, ministrada por mestres habilitados e dedicados ao grande e elevado mistér de ensinar, e não instrucção de tabolêta, de reclamo, para a collocação de protegidos e a conquista de glorias immerecidas. De vez em quando se vê a allegação de grandes gastos com a instrucção nos orçamentos de certos Estados, como prova do adeantamento do ensino e merito dos governantes. E' preciso, porém, verificar

se de facto as despesas correspondem aos proveitos tirados. Não é pela grande despesa citada—muita vez o resultado da condescendencia culposa, que amontôa funcionarios sem idoneidade onde só devia estar o numero preciso dos capazes, que se pôde bitolar a efficacia da instrucção ministrada. Para se verificar que nem sempre se cuida entre nós do levantamento da instrucção, do aperfeigoamento do ensino, basta lembrar a lei, que não sei como qualificar, a qual concedeu quatro preparatorios a todas as pessoas que requeressem e pagassem os certificados, sem que das materias tivessem os requerentes a menor noção, sendo que nem bem as primeiras letras sabia o portador da doação feita pela complacencia, sem gravidade, de uma corporação politica, para satisfazer aos apressados em conseguir um titulo que mais lhes devia humilhar do que engrandecer. A instrucção publica tem sido muita vez entre nós terreno para os favores da politica antes que para o progresso e o levantamento do paiz.

Não preciso aqui encarecer o valor do saber no desempenho das funcções de qualquer natureza, no aperfeigoamento do trabalho executado, nas previsões e descobertas. Newton descobriu as leis da attração universal, vendo a quêda casual de uma maçã do ramo da arvore, e Galileu formulou as leis do pendulo nos movimentos da lampada da Cathedral de Piza, porque já eram physicos de valor. Maças vieram caindo das macieiras desde o começo do mundo; lampadas, ou outros corpos suspensos sempre oscillaram diante dos olhos dos ignorantes que nada descobriram, nem descobririam. O acaso a que attribuímos muitas das grandes descobertas não passa em geral do resultado do trabalho, quasi inconsciente de muitos, do saber accumulado. Fallava-me certa vez um industrial das vantagens que

fornece a instrucção, mesmo elementar, na maior facilidade com que se desenvolviam os aprendizes que sabiam as primeiras letras sobre os analphabetos, assim tambem na perfeição do trabalho executado. E' concludente que, quanto mais regular e completa a instrucção, maiores serão tambem os resultados obtidos. E' um defeito nosso nos contentarmos com as superficialidades, com os brilhos passageiros, sem cogitarmos que uma luz fraca e bruxoleante scintilla na obscuridade densa.

A instrucção e a educação pôtem modificar vantajosamente a indole do homem, especialmente na phase do desenvolvimento, da formação, quando é possível obter modificações beneficicas na attitude moral da criança ou do jovem, acerca do qual disse o velho Horacio em sua *Arte Poetica*: «O mancebo imberbe, que se vê por fim livre da sugeição do seu aio, folga de ter cavallos, e cães, e de correr e exercitar-se no Campo Marcio; toma qual branda cêra a impressão de qualquer vicio; não soffre os conselhos dos que o advertem, tarde cuida em seus interesses e utilidades; é prodigo, estragador de diuheiro, soberbo e cheio de appetites por tudo o que vê, e bem depressa se desprende do que mais deseja». (1) Essa flexibilidade, por outro lado, permite que a educação determine modificações na attitude moral, na conducta, á semelhança do que se passa no reino vegetal, no qual se consegue por meios apropriados, na planta ainda tenra, tornar recta, ou menos tortuosa uma haste que se desenvolveu viciosa. E foi por effeito dessa influencia da instrucção sobre a indole e o character do homem em desenvolvimento que fez dizer Victor Hugo que «uma escóla que se abre é

---

(1) Tradução de Joaquim José da Costa e Sá.

uma prisão que se fecha». Quiz exprimir o grande romancista e poeta francez com sua phrase que a instrucção disseminada tornaria o homem melhor, e diminuiria o numero de crimes, e não como entendem os que não comprehenderam o genial autor dos «Os Miseraveis», que se fazia mister transformar os edificios das cadeias em escolas, mudados os prêos para outra parte.

Comquanto o apophtema do escriptor da «Notre Dame de Paris» não tenha correspondido ás suas aspirações, isso quanto á instrucção simples e exclusiva, se de envolta com o ensino das letras vem o dos preceitos da moral, do proceder do cidadão, acompanhado dos bons exemplos, do respeito á justiça, á liberdade, e á dignidade humana, o resultado será sensivel. Se se dão casos de regeneração em organismos feitos, mais facilmente se darão nos organismos em formação.

Este juizo acerca da possível modificação do caracter e da conducta dos jovens pela instrucção e educação se relaciona com factos que se estão passando na sociedade, e se multiplicando em porporção espantosamente crescente, quaes são os da criminalidade juvenil.

E' aos 25 annos que se observa o mais elevado indice da criminalidade no homem. Essa proporção sendo muito menor na juventude, vae crescendo com a idade até aquelle termo. Tem-se, porém, observado que ultimamente a criminalidade juvenil se tem incrementado espantosamente por toda a parte, já antes da guerra mundial, e principalmente durante e depois da grande conflagração Européa. Entre nós a imprensa está sempre a noticiar graves crimes juvenis. E' dever de todos nós não inquirir das causas desse formidavel mal social, como applicar os processos mais racionais e aconselhados para a remoção desse flagello.

Um escriptor nosso patricio, cujo nome agora me escapa, lembrava em artigos do «Jornal do Brazil», que a criminalidade juvenil se ligava em grande parte á evolução soffrida pela sociedade durante os ultimos cem annos, que a transformou economicamente, trazendo indiscutiveis vantagens, mas tambem grandes males. E' um facto o incremento da delinquencia infantil nos paizes de maior desenvolvimento economico, principalmente no meio operario, onde a educação dos meninos não é feita com o preciso cuidado. Dentre as causas desses crimes resalta, não ha duvida, a educação descuidada da juventude, a condescendencia excessiva dos paes para com os filhos.

O rei Salomão, que se tornou notavel principalmente pela sabedoria de suas sentenças, nos seus «Proverbios», tão cheios de verdade e agudeza de genio, diz:

— *Aquelle que poupa a vara odeia seu filho, mas o que o ama continuamente o corrige.*

— *Castiga teu filho emquanto ha esperanza de emenda, mas não chegue a tua severidade ao excesso de lhes dares a morte.*

— *Não queiras subtrahir a correcção ao menino: porque se tu o fustigares com a vara, elle não morrerá.*

— *A vara e a correcção dão sabedoria: o menino, porem, que é deixado á vontade, serve de confusão a sua mãe.*

Isto quer dizer que é preciso conter os jovens na satisfação dos instinctos, nos desejos e impulsos de uma vontade não refreada ainda pelos conselhos da razão, não devendo os paes se eximirem de recorrer, mesmo aos castigos phisicos, moderados, para corrigir os seus filhos.

As modificações grandes que tem experimentado a evolução social, e tambem as perturbações profundas

que a humanidade tem experimentado nestes ultimos tempos, teem incontestavelmente imprimido reconhecida alteração na mentalidade do homem, e com isso certo desinteresse, para não dizer relaxamento, na educação da mocidade—liberdade demasiada, ou antes, descuido dos deveres é o nome a dar esse facto.

Joaquim Nabuco, em polemica com o barão de Jaceguay, no começo da republica, já havia dito a nosso respeito que bem podíamos ser chamados de uma *neocracia*, isto é, o governo dos novos, notando-se que os paes inclinavam a sua auctoridade deante dos filhos de 12 annos, que dominavam no lar.

E' muito sensivel essa educação descurada dos jovens, ou antes, esse abandono do menino a si mesmo, a seus caprichos, na producção da delinquencia infantil; é, pois, dever dos paes velarem pelos filhos, exercer sobre elles vigilancia, dirigil-os segundo os preceitos da moral, para convertel-os em cidadãos uteis e prestantes.

O reconhecimento do effeito da educação na melhoria do cidadão tem levado os paizes mais progressistas e adeantados a tornar os paes economica, moral, e penalmente responsaveis pelos delictos commettidos por seus filhos, quando esses delictos se pôdem attribuir com razão á negligencia e abandono dos progenitores.

O problema da delinquencia juvenil é da maxima importancia para o socêgo, a tranquillidade e o bem estar da sociedade.

A hereditariedade tem sido considerada como causa da criminalidade em geral, mas podemos dizer com Cyril Burt nas conclusões a que chegou em suas pacientes pesquisas sobre o «jovem delinquente»: «O crime propriamente não se herda, mas sim a constituição, o temperamento, a degeneração moral, em summa, que conduz ao crime». Essa hereditariedade é bem conhecida

na historia. Ouvi em criança a referencia de um facto desta natureza, lembrado por Havelock Ellis em seu livro «O Criminoso»: Era um rapaz que em aggressão a seu pae o arrastava, e chegado a certo ponto diz a victima:—«Basta meu filho que até aqui arrastei teu avô».

Para taes delinquentes, ordinariamente irreformaveis a sociedade só tem o recurso da segregação. Outros processos lembrados ainda são impraticaveis.

O reformador pratico considera principalmente as causas externas dos crimes, e acima de tudo dos crimes juvenis, que elle pôde remover e lhe interessam mais intimamente. O meio, mais do que a herança, é a seu espirito o factor real, responsavel pelos delictos. E' em relação a essas causas, provenientes do ambiente, que um programma de reforma pôde mais facil e intelligentemente ser instituido.

As condições que cercam o jovem, e são de ordem a levar-os á pratica de crimes, pôdem ser divididas em duas ordens: as que se encontram dentro da casa ou do lar, e as que se mostram fóra da casa—nas ruas, nas escolas, nas officinas, ou logares de trabalho dos menores.

Como condições do lar apresenta-se em primeiro logar a pobreza, que pôde affectar gráus mais ou menos profundos. A pobreza inflúe de modos diversos na producção do crime, sendo a fome sua causa mais saliente, e o furto o crime a esta ligado. A pobreza, mesmo de fórma menos intensa, conduz muitas vezes ao crime, principalmente naquelles que gozáram de conforto e bem estar, e se acham decahidos pelos revezes da sorte. E' o que se tem chamado «o contraste successivo». «A pobreza», canta Villon, «arrasta o homem ao furto como o lobo a sahir do matagal». «O pobre resignado

é rico» diz o epigramma do philosopho stoico. Na antiga Roma se dizia: «*Si ad naturam vives nunc eris pauper; si ad desiderium, nunquam dives.* (Quem vive vida simples e natural nunca será pobre; quem vive segundo seus desejos nunca será rico). Se a maioria dos delinquentes são pessoas necessitadas, a maioria dos necessitados não se tornam criminosos.

A vida em promiscuidade, amontoada, de varias familias em casas de poucos commodos, em quartos suffocantes, com dormida de mais de uma pessoa no mesmo leito, e onde a decencia difficilmente é respeitada, constitúe factor poderoso da delinquencia.

A disciplina defeituosa entra como uma das principaes causas dos delictos dos jovens. Se ella é por demais severa pôde motivar revoltas, que se manifestam por immediata retaliação, por aggressão physica, ou abandono do lar, ou determinar reacções indirectas, vinganças occultas e traçoieiras. O pae castiga o filho com mais violencia e mais rapidamente; o castigo das mães para com os filhos são constantes, são ameaças diarias, discussões de toda hora, restricções mesquinhas, e para evitar todas essas coisas as meninas se tornam simuladas, e cultivam a mentira que lhes fica um habito.

Por outro lado, a disciplina excessivamente fraca é uma causa do estrago dos filhos, e isto se observa quando os paes são doentes, ou muito edosos, ignorantes ou fracos de espirito, ou quando uma constituição emocional demasiada não lhes dá animo para castigar os filhos e fazer-lhes justiça.

Muito peor e de mais graves consequencias do que o abandono physico é a laxidão ou o abandono moral.

E' tão evidente e conhecido o estrago da próle pelo vicio da embriaguez dos paes, que passarei sem comentarios maiores a desmoralisação profunda do lar

quando o pae, brutalizado por effeito do alcool, entra em casa disputando com a mulher e os filhos, e espancando-os sem motivo. A embriaguez da mãe de familia é profundamente deploravel e desmoralisadora. Quando o alcool perturba o espirito dos paes fogem a moralidade e a decencia do lar.

Os rifões representam a synthese, a crystallisação da experiencia e observação populares. E', pôde-se dizer, universal o adagio—«uma ovelha ruim põe um rebanho a perder». As más companhias são uma causa frequente e poderosa de estrago dos jovens e da criminalidade infantil. S. Paulo, na Epistola aos Corinthios, reproduzindo um proverbio grego diz:—*Não vos deixeis enganar: as ruins conversações corrompem os bons costumes.* As influencias que affectam o jovem alem do circulo de sua vida familiar pôdem ser os factores unicos de sua delinquencia.

As más companhias são encontradas nas ruas, entre os amigos que fórma o jovem, entre os companheiros de diversões, nas horas dos brinquedos, e mesmo nas escólas e nos logares em que exerce o trabalho. Jovens que até certo tempo não dão motivo á censura por seu bom procedimento, de um momento para outro travam conhecimento com um mau elemento, ao qual se juntam em suas malfeitorias. Esta influencia se tórna mais poderosa, se o jovem pertence ao grupo dos fracos de espirito, que sempre se mostram obedientes e suggestionaveis pelos mais espertos.

E não é só entre companheiros da mesma idade que o jovem pôde encontrar corruptores de sua conducta; é mesmo entre adultos que se servem dos jovens para suas maldades, incitando-os ao crime, como se observa entre compradores de furtos que influem os meninos á pratica do delicto, de cujo producto se apoderam por

alguns ceitis, ensinando-lhes os meios e methodos de melhor se desempenharem do serviço condemnado.

Esta influencia se exerce nos dois sexos. A corrupção de jovens raparigas é muita vez o trabalho infame de mulheres calejadas no vicio e no crime. Uma jovem, sem a vigilancia necessaria, encontra facilmente uma companheira mais edosa que a inicie em varias praticas reprovadas.

Disse Esopo ha mais de mil e quinhentos annos que a linguagem é um instrumento perigoso, dependendo esse perigo do que se póde della derivar. Coisa identica póde-se dizer do cinematographo. Maravilhosa descoberta, instrumento admiravel para a disseminação da cultura, da sciencia e do progresso humano, e fornecendo ao homem diversões que pódem ser instructivas, é tambem causa de males diversos e inspirador de crimes nefandos. Explorado hoje por toda a parte, commercialmente, de preferencia são apresentadas pelliculas perigosas, emocionantes, em que as principaes representações consistem na exposição de vicios, de scenas immoraes, e de delictos, com os processos de bem executal-os, livrando-se os delinquentes das garras da policia, e emocionando os jovens, suggestionando-lhes más ideias que os pódem arrastar á perdição. Com effeito são themas predilectos furtos com arrombamento, scenas policiaes, homicidios, servindo a muitos jovens do que já foi denominado—«instrucção criminosa theorica», mais perigosa pelo modo da representação do que certas novellas pornographicas. Affirma-se que a criminalidade juvenil ha augmentado consideravelmente depois da descoberta do cinematographo, que data de 1895, se me não engano. E' bem conhecido o crime horroroso do assassinato de um rapaz americano executado por dois outros—Leopold e Loeb, filhos estes, de millionarios do

grande paiz da America do Norte, condemnados em Chicago á prisão perpetua, e que, segundo seu advogado, procuraram reproduzir uma scena de cinema. Em Turim foi condemnado um jovem de 14 annos que havia executado um roubo, e procurava buflar a acção da justiça, tendo-se ligado com uma corda a uma cadeira, introduzido algodão nas narinas, antes da chegada de seu pae á casa, a quem precisava illudir, tudo suggestionado por uma scena de cinema, á qual havia pouco antes assistido. Em varios paizes se levantam accusações de pessoas competentes, de funcionarios da justiça, de advogados, contra os males e delictos causados pelo cinema, especialmente nos jovens. Aqui mesmo nesta cidade ja se deu um delicto, praticado por um grupo de rapazes, e que me foi referido como tendo sido suggestão de cinema, em terreno favoravel.

E' notavel a paixão excessiva dos jovens pelo cinema, cuja influencia sobre seu espirito se exerce de tres modos. O primeiro é o da imitação que desperta no jovem o desejo de reproduzir na vida real o que presenciou no film. «A sala escurecida», escreve Cyril Burt, «a athmosphera de excitação da assistencia, a viveza concreta da apresentação visual, o accrescido realismo ao movimento e ao jôgo das mudanças de physionomia, e acima de tudo o character intensamente sensacional das scenas emocionaes pintadas, tudo calculado para augmentar a suggestibilidade da criança e para imprimir em seu espirito impressionavel imagens graphicas e permanentes reminiscencias». Esses quadros, tão profundamente impressos no espirito dos jovens, pôdem-se transformar em obsessões frequentes, impulsos irreprimeveis, especialmente em espiritos poucos equilibrados.

O segundo mal attribuido ao cinema, que se torna

uma fascinação, é, segundo opinião capaz, o de incitar ao furto para ter dinheiro com que comprar a entrada na sessão. Esse delicto nos jovens habituados a frequentar cinemas, e que já teem esse habito como fazendo parte de sua existencia, torna-se mais exigente quando os films são passados em series, e elles não querem perder ou interromper o drama representado. A anciedade por assistir os episodios finaes é uma paixão que nem sempre pôde ser contida. Cyril Burt cita uma associação de jovens, que no afan de obterem dinheiro para o cinema, reuniam-se em certo ponto, onde deixavam o calçado, e sahiam pelas ruas esmolando. Certo dia um delles furtou o calçado dos companheiros e vendeu-os, tendo isso determinado a dissolução do «club juvenil mendicante».

O terceiro perigo dos cinemas provém da atmosphaera de lógnos, de seduções, de ciumes, de intrigas sem escrupulos, de assaltos temerarios, um circulo de incessante excitação e extremos de selvagem emocionalismo, tudo representado como os caracteristicos normaes da conducta diaria dos adultos. Os jovens não possuem sempre uma base de experiencia para corrigir os films, e architectam uma noção desviada da vida e das maneiras sociaes. Posto que o vilão e o facinora acabem por ser castigados, todavia são pintados com uma aureola de superioridade. Os actos maus que pratica são sempre de modo galhardo, astuto, e com espirito, de sorte que o jovem espectador se illude com o character vasio e ficticio. Só as pessoas de razão desenvolvida e dominio sobre si são capazes de conter suas tendencias.

Muito melhor é que as noções e as imagens do vicio nunca sejam postas deante dos olhos da juventude. Nas fitas mais do que nas novellas o effeito perigoso para os jovens é mais intenso. As scenas de namôro, de seduções,

de adulterios são dadas em demonstração ocular, com mais vivacidade, particularidades, e repetições do que no livro. Certas fitas são verdadeiros estimulantes dos instinctos sexuaes.

Tudo isso tem determinado da parte das autoridades policiaes de varios paizes medidas que julgam proprias a restringir, pelo menos, o mal, como sejam a limitação da entrada dos jovens nos cinemas, e sessões de fitas especiaes para menores de 18 annos. No «Segundo Congresso Internacional de Protecção á Infancia», realisado em Bruxellas em 1921, concluia um notavel jurisconsulto francez: «Não queremos que um jovem sáia do cinema peor do que entrou».

O cinema pôde e deve ser para a juventude uma escóla complementar do bem, e não uma escóla preparatoria da prisão. Comquanto seja nos tarados, degenerados e inclinados ao crime que o effeito das suggestões perigosas mais depressa se manifestem, os jovens devem ser preservados de toda impressão que lhes infunda terror, e de impressões que façam trabalhar sua imaginação. Assim os films destinados ao divertimento de menores não devem ser immoraes e delictuosos, e tambem de scenas absurdamente comicas, de situações impossiveis e inverosimeis, producto de uma imaginação delirante, porque todas estas coisas são de molde a perturbar o espirito dos jovens, suggerindo-lhes falsas ideias que os poderão desviar dos caminhos rectos.

Medidas diversas tem sido suggeridas para remediar ou impedir os males causados pelo cinema sobre seus frequentadores, ainda na idade de soffrerem as influencias maleficas das fitas inconvenientes e perigosas, como as de feitos delictuosos, de dramas passionaes, cuja repetição constante pôde convencer os espiritos inexpe-

rientes, fazendo-lhes tomar os desvios da moral como actos nobres da vida social.

A prohibição da entrada nos cinemas ordinarios de jovens menores de 18 annos, acompanhados ou não dos paes, ou de adultos, a censura ou o exame prévio das fitas, ou a escôlha de fitas especiaes para os jovens, teem sido medidas adoptadas por muitos Estados ou paizes, com o fim de afastar da scena, nos espectaculos assistidos pelos jovens, de films immoraes ou obscenos, de fitas que incitem á libertinagem, ou á indecencia, de fitas que provoquem más suggestões no espirito juvenil; e ainda de fitas em opposição ao bem publico.

Na Inglaterra se attribúe uma grande importancia á luta contra os films perigosos, e em notavel discussão em Oxford, em 1922, nas sessões dos cursos de férias para senhoras, organisados pela União Nacional, chegou-se á conclusão de que «o cinema póde ser de grande utilidade para o ensino, especialmente das sciencias naturaes, e que póde tambem servir para o desenvolvimento do patriotismo; que é indispensavel uma fiscalisação de todas as pelliculas do mesmo modo que a manutenção da ordem nos cinemas, e o estabelecimento de regulamentos especiaes para admissão dos jovens». Alem disso, ainda chegaram ao resultado de que não é desejavel a assistencia de meiores nos espetaculos destinados aos adultos, devendo-se prohibir aos meunos a entrada nas sessões da noite, até para preservar a vista daquelles que se não pódem assentar a menos de 15 pés da téla.

O Dr. Ladisláu Thot, professor de Direito Penal na Universidade de La Plata, termina um interessante estudo sobre a Cinematographia e a Criminalidade com as seguintes palavras: «Podemos inferir do ponto de vista da politica criminal, a necessidade indispensavel de uma censura prévia das pelliculas ante o grave

perigo que pôdem representar para a moralidade da juventude».

Sei bem que este modo de encarar o assumpto não se accomoda com a exploração commercial dos cinemas; mas como ainda diz o citado autor, uma legislação ponderada pôde bem acautelar o interesse da juventude, a segurança publica, e o interesse dos proprietarios dos cinemas e da industria cinematographica.

Muitos paes tambem não se conformam com qualquer restricção á liberdade sem vigilancia e licenciosa de seus filhos menores. Haja vista a reacção não ha muito tempo levantada contra as medidas tomadas no Rio de Janeiro pelo integro e zeloso juiz dos menores, em relação á entrada de jovens e crianças em espectaculos livres. Quando os homens prudentes e sensatos pensavam que as medidas despertariam applausos geraes de todos os paes de familia, surgiram reaccionarios que conseguiram um *habeas-corpus* e a annullação da medida altamente moralisadora.

Podia ainda passar uma revista rapida sobre outras influencias de menor monta na produção da criminalidade juvenil; o que pôde-se affirmar é que o problema da criminalidade em geral é muito complexo e intrincado, seus factores se entrelaçando de tal modo que não é facil determinar a influencia exclusiva de cada um delles. A escola espiritalista attribue o crime á falta do espirito religioso. Os socialistas ligam o crime principalmente ás difficuldades economicas e ás injustiças sociaes. A biologia considera como factor as anormalidades decorrentes de defeitos physicos e physiologicos. A justiça e a policia ás facilidades da vida moderna, como o automovel, o cinema, e a impunidade. Outros no caso da criminalidade juvenil tomam na maior consideração a frouxidão dos laços de familia e a desobediencia filial.

As causas do crime, pois, dimanam de um jôgo de subtilezas de circumstancias bem difficeis de fixal-as.

O pedagogista Trüper assim se exprime: «Tendo em consideração, principalmente o grande augmento de delinquencia dos menores e o grande desprezo que na vida publica se tem pela acção educadora, é imperiosa a necessidade que o tratamento do senso moral infantil se torne objecto de estudo scientifico e de cuidados praticos, não menos que o tratamento do corpo e da intelligencia». A magnitude do problema está alem de toda questão.

Henri Robert, na Escóla de Altos Estudos, em Paris, fez uma conferencia sobre a criminalidade juvenil, e depois de apresentar um numero extraordinario de menores delinquentes, fez notar que uma quarta parte desses delinquentes eram orphãos, e pertenciam sobretudo aos grandes centros urbanos. Como causa dessa criminalidade menciona em primeiro lugar «a crise da instrucção, que dada a seres mal preparados para digerir as noções que se lhes inculca, é um perigoso beneficio que desenvolve o orgulho e prepara desclassificados». E' por isso que a ideia religiosa parece ao conferencista francez um freio indispensavel, visto ser o menino um ente antes de fé do que de razão. O desaparecimento do lar e a dispersão da familia pelo abuso do divorcio, entregam o menino desamparado ás tentações da vida irregular, e o preparam para os desfallecimentos criminosos.

A affluencia dos rapazes do campo para as cidades, que apresentam o grande perigo—a rua, a insalubridade das habitações, a crise da aprendizagem, a frequentação do cabaret, a influencia funesta do alcoolismo, são factores importantes da criminalidade, ao que é preciso

acrescentar as terriveis consequencias da miseria e da molestia—a tuberculose e a avaria.

Ha actualmente uma litteratura que tem por assumpto o crime, e que sem lhe fazer a apologia, espalha o gosto. Os jornaes publicam na primeira pagina os retratos dos grandes criminosos, como se fossem homens celebres. Os modernos heróes malfazejos teem mais attracção para as almas jovens do que os personagens cavalheirescos da Condessa de Ségur, de Julio Verne ou de Terminore Cooper. Emfim, o film cinematographico mostra o apache escapando facilmente do *gendarme*.

Como remedios é preciso subtrahir o menino aos perigos da rua pela organisação de vigilancia, das colonias escolares; despertar o gosto pelos exercicios physicos, descongestionar os grandes centros e favorecer a volta ao campo; lutar contra o alcoolismo; remediar a insalubridade das habitações; encorajar a mutualidade e multiplicar as obras de patrocínio, e a creação de tribunaes especiaes para menores.

De tudo que temos visto e examinado resalta que se não póde tomar systematicamente um só dos factores, e ater-se a uma medida unica e exclusiva de tratamento, pois de outro modo é andar ás apalpadellas, e faz lembrar a anecdotia dos cegos indianos. Cinco cégos foram conhecer um elephante. O primeiro, apalpando o corpo do animal exclamou: tem a fórma de um muro. O segundo, agarrando a perna, disse: é tal qual um tronco de arvore. O terceiro, segurando a defesa, ou dente, notou que era como um chugo. O quarto, pegando a cauda comparou o animal a uma corda. O quinto, emfim, tacteando a tromba, achou que o elephante assemelhava-se a uma serpente. Cada um avaliava a

fórma do animal pela parte que examinava, quando a figura dependia do conjuncto.

Aqui ponho ponto final a esta monotonica e enfadonha arenga. Basta, meus senhores, de importunação a vossa comprovada paciencia; não tenho o direito de abusar por mais tempo de tanta bondade com o velho conterraneo, a quem despensaes tão generosas attentões, ás quaes corresponde com um elevado gráu de estima a seus patricios, e entranhado amor a seu torrão natal, amor já por alguém taxado de «obsessão de Sergipe». Toda a terra é terra, disse-o Castellar, mas não é aquella que nos serviu de berço, onde recebemos na frente os primeiros raios da luz tonificante, onde sorvemos as primeiras golphadas do ar vivificador, onde fizemos as primeiras amizades e no tornamos homens, identificando-nos com a natureza local. Sahiria d'aqui muito contente se as palavras que acabo de proferir podessem ser de utilidade ao meu Estado e a esta nobre Instituição. Sirvam ellas ao menos de despedida collectiva aos meus amigos e aos meus patricios. Não posso, porem deixar esta tribuna sem manifestar o meu profundo agradecimento aos cavalheiros que tanto me honraram com suas animadoras presenças. A vós, Exmas. Senhoras e Senhoritas, que sois ao lado da luz e das flores o mais bello ornamento das festas, beijo-vos as mãos muito penhorado. E honra aos que se interessam pelo engrandecimento desta utilissima Associação!

---

# NOTICIARIO

---

## Prof. Armando Sampaio Tavares

Por motivo da sua recente ascensão á cathedra de Clinica Medica, após memoravel concurso, os collégas e amigos do Prof. Armando Tavares quizéram testemunhar-lhe uma próva de apreço, o que levaram a effeito no « Club Bahiano de Tennis », em magnifico banquete, realizado a 23 de Dezembro ultimo.

Associaram-se a esta manifestação de carinho para com o néo-professor cerca de cincoenta medicos, comparecendo todos os offertantes.

O ágape transcorreu em meio a maiór cordialidade, tendo ao champagne saudado o Prof. Aristides Novis, na seguinte oração :

« Sr. Prof. Armando Tavares.

Quizéram os meus bons fados, numa hora de gratissimas emoções para todos nós, viésse eu a representar o éio da cadeia affectuósa posto entre o júbilo dos vossos amigos e este momento singular de vossa vida publica.

É que para sagrar os vossos méritos, de todo o ponto inconfundíveis, muito soffreria a homenagem que os não reconhecêra para além desse opulento patrimonio de talento e de cultura, a cuja influencia acabaes de vingar, com a naturalidade das determinações organicas, — os cimos alcantilados do magistério superior.

O que óra nos congréga, eminente colléga, não é, pois, a simples admiração nossa ao alentado cabedal de que

déste prova exuberante, em dois memoráveis concursos, que a outros nada ficam a dever, na orgulhosa revisão dos pleitos scientificos em a nossa amada Faculdade. Rendemo-nos ás seducções de vossa elegancia moral. Certo é que a sciencia só por si pôde fazer apóstolos, mas não faz amigos. Leio na physionomia do sabio a dureza da esphyngé. E' bella, talvez, mas despida de expressão, e por isto, fatigante. O espirito, para ser completo, ha de fazer o amanhã do carácter,—maravilhoso condão que fórja nas relações humanas o «sentido delicioso da sympathia», não raro sublimado como em vós, nas flôres amoráveis da bondade...

Esta, a verdadeira força que aos vossos amigos pôz em falta, tão logo sentiram elles, frementes de emoção, o termo feliz do vosso *raie* glorioso da docencia á cáthedra. Este, o seu estado de espirito, antes que vísseis reflectida, como agóra, a vossa ventura na delles, que é tudo quanto queremos exprimir na cordialidade deste ágape symbolico.

Se no dizer de Carlyle, «é pelos symbolos que a Imaginação e sua mystica região de maravilhas passam no estreito e prosáico dominio dos Sentidos», baldado é se pesquisem nos banquetes ou quejandas representações os exactos perfis da Inspiração, fatalmente deturpados nas torturas da travessia, entre o abstracto das concepções devótas e as rebeldias da modelagem refractária. Como conciliarmos, por exemplo, a multi-secular exhibição de aptidões digestivas disputadas em certos torneios desta natureza, com a transcendencia psychológica dos seus motivos determinantes? E' certo que, no reino biológico, tudo pôde resumir-se á nutrição, assim entendido até o phenomeno da geração, que redundá, afinal, em nutrir a espécie.

Mas, é da lavra de Brillat-Savarin a sentença de que «só o homem de espirito sabe comer». De facto; só este tem o sensório educado para vêr na culinária «uma arte mais visual do que gustativa», e não menos treinados os ouvidos

para extrahir ás trepidações do jazz-band as virtudes vibratórias da córda do tympano, que desperta a secreção salivar. Demais disto, a fome é vagotónica, qual a tristeza, e «a mesa o unico logar onde ninguem se aborrece durante a primeira hora». Dahi, talvez, como prophylaxia do máo humôr, — (esse estado toxemico tão impróprio aos ambientes festivos), — o recurso das succulentas iguarias, que realiza no semblante dos convivas a interdicção das tristezas, — que não pagam dívidas. . .

Déssa disposição euphórica, tão peculiar á atmosphéra das collações, a memória me não trahirá jamais, como aos outros membros da Delegação Brasileira ao Congresso da Tuberculose em Córdoba, nas gratissimas recordações que nos ficaram das homenagens do Dr. Lopes Agrellos, médico portuguez, em sua estancia de Alta Grácia. Dir-se-ia um festim pantagruélico, tal a abundancia de pratos, excedentes a uma duzia e servidos entre as 10 horas da noite e alta madrugada. Authentica reincarnação de Brillat-Savarin, o nóbre amphytrião concentrou em torno á sua mesa, onde o nome do Brasil se lia sobre alvissima toalha, em amôres perfectos, as mais incoerciveis alegrias e o mais esfusiante humôr que eu já vi, como expressão de um banquete presidido pelo espirito. Não me furtarei, pois, neste momento, em recordar-vos alguns acepipes do seu cardápio, — gostosos enigmas que os convivas buscavam decifrar mais com a intelligencia do que com o paladar. Assim é que, — *«patos con patas en estado interesante»* traduzia a combinação no mesmo prato de fatias da ave com pés de pôrco recheiados. . . Do frango eunúcho, — dizia assim : — *«no alcanzó a gozar del amor; dos veces mártir para dar placer: — (operation y muerte)»*. Foram dest'arte, annunciadas as rãs fritas: — *«lo que al revés los médicos pretenden:»* — (*rans-sanar*). *«Comer-se a si mismo,»* — eram doces com os nomes dos convidados. Maçãs eram *«perdicion de Adán»* e taças com bananas e ananás, recobertas de creme, a todos intrigaram pela desenvoltura do rótulo, assim redigido: — *Cópa llena de mujeres desnudas, tapadas con espumas multi-*

colores». — E após outros pratos, a advertencia, — pésa-me dizer que salutar, ... a não ser para os Gargantuas:

*«Varios artículos fuera de programma».*

Sr. Professor:

Excuso-me de recapitular as phases todas de uma vida estudiósa e triumphante qual a vóssa, resumido que vejo todo o meu esforço no eloquente diagramma ascencional, tirado do escolar ao professor cathedratico.

Se assim vos biographaes, é porque a ninguem é dado fugir ao seu destino. Os esforços em contrario como que até precipitam as occurrencias, a exemplo do frágil insecto, deglutido com avidéz crescente pelas unctuosidades da corólla faminta, a proporção que mais insiste nas tentativas de salvação.

Assim para o mal, assim para o bem...

Somos dos que pensam com Emerson, de referencia a tutélla da sôrte a um liame subtil, prendendo o homem á sua época e aos acontecimentos. «O homem imagina que o seu destino lhe é extranho, porque não vê esse liame. Mas, a alma encérra o acontecimento que deve chegar, porque o acontecimento não é senão a exteriorisação de seus pensamentos».

Procurando-se estabelecer certa analogia entre estes aspéctos do destino e as modalidades dynâmicas do nosso organismo, lá está o automatismo, com toda a sua illusória espontaneidade, a depender de uma reacção dos centros nervócos ás caprichósas oscillações do meio humoral. Assim, a direcção que tomamos na vida exprime, antes do mais, as nossas aptidões, ess'outra variedade de automatismo, vehiculada pela vocação, qualidade que avúlta como a credencial maiór no computo dos valôres professoraes.

O direito a béca de professor firmaes numa quadra em que ja o vinheis sendo, — e sagrado pelos vossos discipulos. Cêdo aprendestes com Ingenieros que até a perfectibilidade é educavel, donde o longo tirocinio de luctas e sacrificios que hão levantado, á vossa passagem, a poeira da estrada, nêssa nuvem de prata que vos nimba a cabeça ainda jóven, de uma auréola de peregrina autoridade. E' o alto custo da sabedoria. Tambem, segundo a lenda escandinava, Alffadir se não desalterou na fonte de Mimíra (a fonte da sabedoria), sem deixar de trôco os orgams da visão.

Clinico, sois a segurança do doente, porque lhe respeitae as susceptibilidades organicas no manejo prudente da medicação. Com a célula viva sabeis parlamentar nos seus intimos pudôres, para lhe não levardes a persuasão da cura no selvagem estylo das dôses indiscretas. Não vos pejaes de reconhecer a medicina «a sciencia da observação expectante deixando agir a natureza». Tão pouco vos irritae com a vexativa separação dos doentes entre «os que se reconhecem e aquelles outros que apenas se adivinham», . . . máo grado a febril evolução da medicina contemporanea.

As fraquezas humanas conheceis, por fim, para o desconto dardes aos que sóffrem mais pela doença da velhice do que pela velhice da doença. Torturada, bate a porta a humanidade aos utopistas que, com Voronoff, esquecidos da irreversibilidade dos phenomenos biológicos, lhe accende antes no espirito do que nos corpos alquebrados, o fôgo fátuo das ultimas esperanças, cuja triste finalidade é córar de ridículo a hora sombria do crepusculo da vida. Realmente,

*« C'est une grande difformité dans la nature qu'un vieillard amoureux » . . .*

Ou as portas bate ella aos philósophos, que as difficuldades contórnam, taxando de preconceito a velhice, dado que a ignóram os animaes. E então, — a culpa será da Arithmética, por onde aprendemos a dedilhar os nossos dias. . .

Pobre humanidade...

Já não é sem tempo, senhores, que vou pôr cõbro á funcção que me outorgastes, generõsa, junto ao vulto querido, ao qual dedicamos esta festa de amizade.

Antes de o fazer, porém, concitemol-o a que não consêrve da homenagem detalhes supérfluos, senão aquelles, cheios de algum sentido,—na expressão psychológica.

A' distancia, terá o nosso amigo mais nítida a impressão da justiça que nos inspirou esta demonstração á sua brilhante personalidade, pois que «os grandes horisontes repousam os olhares, o que é perfeitamente verdadeiro na ordem physica, como na ordem moral»...

Então, lhe não será difficil aos neuronios cerebraes, deprimidos, embóra, pelas longas vigílias ao serviço da Patria, a recomposição saudõsa de uma hora de triumpho na vida, ou seja esta em que vamos erguer as nossas taças para brindar no seu exemplo a dignidade de uma classe...»

Em resposta, disse o homenageado aos seus amigos, as seguintes e formosas palavras:

«Quem queira applicar aos actos da vida a logica formal das apparencias, não raro se deixará despenhar no irreflectido de uma conclusão, que foge por completo ás razões intrinsecas das premissas.

Assim, meus amigos, quem visse de longe, sem outra analyse, esta festa intima e os motivos que a determinaram.

Quem nos não conhecesse, a vós e a mim—A mim, na ausencia de merecimentos que a justifiquem—A vós, nas excellencias do vosso coração.

Não, porém, aqui, que todos sabemos um pouco de cada qual, na *abelhudice* da amizade, que no sentimentalismo da nossa raça, se apraz em soffrer com o amigo ou com elle se rejubilar nos momentos de alegria.

Então nenhum espanto haverá, porque está escripto que «ha razões de coração que a Razão desconhece».

E' o conforto na chegada, repartindo com o hospede os carinhos da afeição. Sabieis dos accidentes da jornada, das canceiras, dos desanimos, tudo por fim vencido, para começo de novas luctas, que de outro tecido não se faz a urdidura da vida.

E já que vos tocaram os anceios por que passou o meu espirito, a hora final vos soube como um suspiro prolongado de allivio. Sorristes satisfeitos e quizestes, afim de cada qual me dizer a sinceridade da alegria, que, em communhão de pessoas, que já o eram de pensamento, se patenteasse na gentileza deste almoço o que já sabia eu morava em vossos corações.

E sublimastes vossa delicadeza na escolha do interprete, mandando que me falasse em vosso nome a Aristides Novis, esse meu amigo como si irmão fôra, tal a profundidade do affecto que nos prende, na constancia de inabalavel amizade.

Mão conselheiro porém é este de uma afeição tão grande. Assim, foi muito além do vosso mandado, e nas expressões mais bellas disse de mim quanto lhe deu azo o coração. E' um vezo máo este de se arrogar alguém a criador, fazendo os outros homens «á sua imagem e semelhança». Entendeu de emprestar ás minhas mãos inhabeis os recursos do seu formoso talento, e vos traçou o quadro magnifico que elle faria, no esbatido das côres, no rigor dos contrastes, todo emoção, todo vida.

Eu deveria calar, receber, fingindo de verdade, mas, para que? si a posse indebita me apontaria o furto, na evidencia da sem razão?

Não foi assim como elle diz. Vós o sabeis. Necessariamente como tal me quizera mas, tomando de mim

mesmo, com toda a vontade, nada mais pude que aquelle conjuncto de linhas desengonçadas, em que se gastou todo o meu esforço. E pinceis, e tintas ficaram em minhas mãos, como alguém que tivesse aos milhares, as palavras mais bellas, as flôres todas do pensamento e quizesse fazer um verso. Para tranquillidade vossa, ellas ali morreriam, que me falta a mim «este cimento ou betume», que as une na cohesão da idéa.

Felizmente não será comigo a conta a ajustar. Entre nós todas dão certas, porque, si o meu debito se avulta, entra elle de prompto com o supplementar recurso da forte estima.

Comvosco ha de ser assim tambem e, si pretendieis reparações maiores, vós, que aqui me destes tanto, levae o seu erro de agora ao meu acervo.

Sabieis que ser professor da nossa querida Faculdade se fizera o meu maior idéal. Alimentei-o com todo o calor, tive-o presente annos a fio na miuha consciencia. Aguardei a hora, que chegou, fito no conselho do Ecclesiastes: «Omnia tempus habent, et suis spatíis transeunt universa sub cœlo». E sabia com Anatole que o futuro «era um logar commodo para ahi collocar o sonho».

Mas como, ousára tal empreza quem dest'arte desconfiado de si mesmo, vira a montanha a galgar e o desalento das forças. Clementino Fraga, assim como o pastor que reparte os do seu rebanho, na finalidade do mistér que lhes prepara, me insinuára o magisterio como a objectivação maior dos meus designios. Fiz-me noviço, longo noviciado, em que chegava cada dia a voz dos seus ensinamentos preciosos. E agora foi a profissão definitiva.

Por isso, o seu nome me vem aos labios, no imperativo de uma evocação carinhosa, para lembrar aos que me ouvem a sua acção decisiva em minha vida.

A saudação que me fizestes, e os votos em que exultais, tudo eu transfiro assim a quem devo; á justa, o prazer que experimento nest' hora.

---

Meus amigos, o que preciso dizer-vos para vos contar o meu agradecimento?

Encerrastes, aqui, o cyclo de emoções que me têm feito viver, atravez estes dias, uma outra existencia, esse mundo de alegrias, que manda Deus seja o terreno onde se lance a semente do trabalho.

Ante vossas aspirações, como me vejo pequenino para os rigores da missão! Sei da vossa ajuda, do auxilio dos vossos votos e da segurança inilludivel do vosso exemplo. São forças que me levantam, mas o que poderão ellas contra a minha fraqueza?

Vós, que me recebeis nesta primeira hora, com as alvisçaras das vossas almas em festa, estareis sempre presentes na minha gratidão.

Não vos esquecerei jamais.

Na «selva selvaggia ed aspra e forte» que é bem o caminho de responsabilidades no ensino da cadeira a que me devotei, a lembrança do vosso conforto e confiança me serão luz a guiar, na hora das incertezas.

Faça-me mercê Deus de novas forças e ao apagar da minha vida eu possa repetir, na consciencia do dever cumprido, o beneficio salutar que me fizestes.

E os meus votos de agora, na expressão que me lèdes em cada gesto, são pela vossa felicidade pessoal e pelo brilho e prestigio da Faculdade de Medicina da Bahia».

---

# CODIGO DE MORAL MEDICA

(Continuação)

Art. 64. O medico habitual que diagnosticar ou suspeitar em seu enfermo uma affecção que em sua opinião exige os recursos da cirurgia geral ou de alguma especialidade, indicará ao proprio doente ou aos seus parentes o cirurgião ou especialista que deva ser consultado. Si o enfermo ou seus parentes não acceitarem o candidato apresentado pelo medico habitual, este deixal-os-á em liberdade de escolher, porém, não poderá eximir-se de toda responsabilidade, ulterior nos resultados do tratamento empregado.

Art. 65. O especialista que se encarrega de um enfermo, com o consentimento do medico habitual, assume a direcção do tratamento no que se refere á especialidade, porém, agirá sempre de accordo com aquelle e suspenderá sua intervenção facultativa logo que cesse a necessidade de seus serviços especiaes.

Art. 66. Ao cirurgião escolhido como operador compete dirigir o tratamento desde o momento em que se decidir a intervenção cirurgica, porém, nunca prescindirá da indispensavel e util collaboração do medico habitual do enfermo, o qual está no dever de cooperar para restabelecer a saúde de seu doente.

Art. 67. Quando são dois ou mais os cirurgiões ou especialistas consultados, compete ao medico habitual indicar quem deva encarregar-se do tratamento, pondo-se antes de accordo com o enfermo ou seus parentes e observando o que na parte final dispõe o art. 58, quando assim considerar necessario aos seus interesses.

Art. 68. O cirurgião operador goza da mais completa liberdade na escolha de seus ajudantes e a elle compete fixar o logar e o momento em que se deve realizar a operação.

Art. 69. O facultativo chamado na qualidade de especialista, para attender a um doente de outro medico, abster-se-á de toda allusão que directa ou indirectamente possa prejudicar o medico habitual em seu nome, credito ou autoridade de que goze perante o enfermo ou seus parentes.

## CAPITULO VIII

### DEVERES MEDICOS EM CERTOS CASOS DE OBSTETRICIA

Art. 70. Ao medico é terminantemente prohibida pela moral e pela lei a interrupção voluntaria da gestação, em qualquer de seus periodos; poderá, porém, provocar o aborto ou parto prematuro com um fim therapeutico nos casos de indicação clinica obrigatoria.

Art. 71. Sómente se procederá á interrupção da gestação depois de se ter cumprido os seguintes preceitos: terem-se esgotado todos os recursos destinados á conservação da saúde materna, sem prejuizo da vida do feto; ter coincido com a opinião favoravel de outros medicos e especialistas em obstetricia; e ter-se obtido o consentimento dos paes da criança.

Art. 72. A embryotomia do feto vivo e viavel está formalmente contra-indicada pela sciencia e severamente prohibida pela deontologia. Quando por estreiteza pelviana ou outra causa dependente da mãe ou do feto, não fôr possivel o parto pelas vias naturaes, far-se-á a pubiotomia ou a cesareana.

Art. 73. Si o caso se apresentar em uma localidade

sem os recursos necessarios para se intentar uma das ditas operações conservadoras ou o medico não possuir a competencia e a habilidade indispensaveis para semelhantes actos operatorios e não puder recorrer a nenhum cirurgião; si depois de ter esgotado todos os meios disponiveis, a vida da mãe estiver em perigo pelo facto de não poder verificar-se o parto, o medico, em beneficio da saúde da mãe, ficará autorizado a executar a embryotomia do feto vivo.

Art. 74. O parteiro não praticará o aborto nem o parto prematuro therapeutico, nem fará a embryotomia do feto vivo, sem a autorisação da mãe. Si esta não gozar de uso perfeito de suas faculdades mentaes, o parteiro pedirá a autorização necessaria ao marido ou aos parentes mais proximos da mãe; paes, filhos, irmãos, etc.

Art. 75. Ao medico é terminantemente prohibido aconselhar systemas ou processos destinados a impedir a fecundação da mulher. Poderá fazel-o si teme que a gestação possa occasionar transtornos graves na saúde da mulher ou determinar a aggravação de enfermidades pre-existentes; mas nestes casos o medico assistente deverá provocar uma conferencia com outros collegas, com o fim de precisar a indicação e a urgencia de semelhante procedimento.

## CAPITULO IX

### DO SEGREDO MEDICO

Art. 76. O segredo medico é uma obrigação que depende da propria essencia da profissão: o interesse publico, a segurança dos enfermos, a honra das familias, a respeitabilidade do medico e a dignidade da arte

exigem o segredo. Os medicos cirurgiões, pharmaceuticos, dentistas e parteiras, assim como os praticantes e enfermeiros, estão no dever de conservar em segredo tudo quanto vejam, ouçam ou descubram no exercicio da sua profissao ou pelo facto do seu ministerio e que não deva ser divulgado.

Art. 77. O segredo pôde ser recebido sob duas formas: o segredo explicito, formal e textualmente confiado pelo cliente; e o segredo implicito que resulta da natureza das cousas, que ninguem impõe e que preside as relações dos clientes com os profissionaes da medicina são inviolaveis, á excepção dos casos especificados pela lei.

Art. 78. Aos profissionaes da medicina é prohibido revelar o segredo profissional fóra dos casos estabelecidos pela deontologia medica. A revelação é o acto que faz passar o facto revelado do estado de facto segredo para o de facto conhecido. Não é necessario publicar o facto para que haja revelação; basta a confidencia a uma pessoa isolada.

Art. 79. O segredo profissional pertence ao cliente. Os profissionaes não incorrem em responsabilidade si revelam o segredo de que são depositarios, quando estão autorizados para isso, em completa liberdade e conhecimento de suas consequencias, pela ou pelas pessoas que lhe confiaram o segredo e sempre que a dita revelação não cause prejuizo a terceiro.

Art. 80. O medico não incorre em responsabilidade quando revela o segredo nos seguintes casos:

1.º—Quando na sua qualidade de medico perito age como medico de uma companhia de seguros, ao informar sobre a saúde dos candidatos enviados para exame; quando está commissionedo pela autoridade competente para examinar o estado physico ou mental de uma

pessoa; quando designado para praticar autopsias ou pericias medico-legaes de qualquer ordem, tanto no civil como no crime; quando age como medico de saúde e em geral, quando desempenha funcções de medico perito.

2.º—Quando na qualidade de medico assistente faz a declaração de molestias infecto-contagiosas perante a autoridade sanitaria e quando expede attestados de obito.

Em qualquer dos casos comprehendidos no primeiro item, o medico póde eximir-se do encargo si a pessoa objecto do exame é cliente seu no momento de ser reconhecida ou si a declaração versar sobre estados anteriores para o qual foi consultado privadamente o mesmo medico.

Art. 81. O medico guardará o mais absoluto segredo si chegar a comprovar uma molestia venerea em uma mulher casada. Não sómente se absterá de tornal-a conhecedora da natureza da molestia como tambem evitará que sobre o marido recaia a suspeita de ser o autor do contagio. Consequentemente, não dará nenhum attestado nem fará relato algum sobre isto, embora o marido dê o seu consentimento.

Art. 82. Si o medico souber que um de seus clientes em periodo contagioso de uma molestia venerea pretende casar-se, empenhar-se-á em dissuadil-o de seu intento, valendo-se de todos os meios possiveis. Si o cliente se mostrar surdo aos seus conselhos e insistir em levar a cabo o seu proposito, o medico ficará autorizado, sem incorrer em responsabilidade, não só para responder aos informes que lhe pega a familia da noiva, como tambem para prevenil-a, sem prévia consulta ou autorização do noivo.

*Continúa.*

# SOCIEDADE DE MEDICINA DA BAHIA

---

## ACTA DA SESSÃO COMMEMORATIVA DO XXI ANNIVERSARIO DA SUA FUNDAÇÃO

Presente grande numero de socios tem inicio a sessão, proferindo o Sur. Presidente a eloquente allocução abaixo, de referencia á significação da grande data social :

Senhores.

Mais um anno de actividade fecunda vence hoje a Sociedade de Medicina da Bahia. Um anno a mais, sobre tantos outros, de vigilante postura, montando guarda ás tradições de honra do corpo médico desta terra, no exemplo que ella dá do quanto impórta á construcção de um edificio social desta natureza, a liga da boa moral com a boa sciencia.

E os trabalhos se renóvam, cheios de seiva e de santo entusiasmo por que jamais desmaie em fulgôr a chamma viva que a fé dos antepassados accendeu, qual votiva lampada, ao sempitérno culto da nossa arte divina... Córrem os tempos, e, não raro, vózes agoirentas ousam prognosticar o deliquio e a mórte a esta instituição; mas, eil-a, impávida, a neutralizar com factos incontrastáveis, a acidez da maledicencia, muito ao sabôr dos « contrabandistas da vida », taes aquelles typos que, installados no seu mórbido commodismo, vêem sempre com máos ólhos as iniciativas todas em pról de um ideal.

Aliás, são, relativamente, poucos os incréos. A absoluta maioria da classe vive comnosco, se nem todos em presença, quasi todos em espirito, no ambiente de prestigio

com que nos ampáram as resoluções. Da classe médica bahiana, podemos, para honra nossa, proclamar os mais raros attributos, na esphéra da nobreza moral e do espirito de solidariedade. Se a característica fundamental da organização nervosa, no reino vivo, reside no consenso das partes, de modo a que nenhuma célula soffre sósinha as injúrias do meio, o facto se repete aqui, onde explóde o revide fatal, todas as vezes que o promóva qualquer descortezia á nossa união sagrada.

Deste consórcio entre a sciencia e a moral,—nosso evangélho, é que procéde a justa fama desfructada pelos médicos da Bahia, de referencia á impeccavel compostura com que sabem honrar a classe no terreno da ética.

Ainda não se fez sentir entre nós, premente, como em outros centros de cultura, a necessidade da criação de Syndicatos, que tomassem a seu cargo a prescripção e fiscalisação de nórmas de conducta, no tocante a possiveis refracções de ordem moral, no exercicio da profissão. Mui longe estamos, para garbo nosso, de justificarmos a publicação, num jornal scientifico, daquelle APELLO tremendo, ha mezes inserto nas paginas respeitaveis do «Brasil Medico», e que expunha, em sua hedionda nudez, inverosimeis attentados á ética profissional, da parte de abjectos elementos da classe, inexoravelmente castigados pelo apupo das ruas, na capital do paiz.

Não. A Bahia médica sente a noção de suas responsabilidades, ao contemplar do custoso patrimonio que tem a zelar, e herdado ao seu passado de glórias immarcessiveis. E esta Sociedade foi sempre, é e será a crystallisação destas tendencias altamente dignificantes. Dahi, não nos ser indifferente a data que transcórre e que, para mais vibrantemente festejada, requér, no que vae ser satisfeita, um orador á altura desta solemnidade, cuja intelligencia moça e culta, possa harmonisar-se, á *merveille*, com o culto que viemos todos render á Sociedade de Medicina da Bahia, no seu grande dia.

Tem a palavra o Snr. Magalhães Netto.

Com a palavra, o Dr. Magalhães Netto, orador especialmente escolhido em sessão anterior, começa declarando ser, a bem dizer, dispensavel a sua presença na tribuna porquanto, o verdadeiro discurso official já o havia magistralmente feito, o Prof. Aristides Novis.

Passando a traçar ligeiro historico da Sociedade, diz que esta, com o nascimento assignalado por um acto magnifico de justiça, perigosa crise atravessou no auroreecer da adolescencia da qual logrou triumphar, mercê da assistencia carinhosa de Euvaldo Diniz seu verdadeiro reorganizador cujo nome merece victoriado, no dia em que a Sociedade de Medicina, jubilosa, attinge á promissôra pujança da maioridade, com os seus destinos entregues á clarividencia de um dos espiritos de que mais justamente se orgulhece a Classe Medica da Bahia. Entra de commentar algumas arguições disfarçadamente formuladas em desfavôr das nossas Sociedades Medicas, buscando destruí-las, uma a uma, ás custas de vigorosos argumentos inspirados em Ramon y Cajal, Ortéga e Gasset e outros. No sentido de demonstrar a relevancia social do trabalho realizado por tâes Associações, tece largas considerações em torno da collaboração da Medicina em favôr do Progresso.

Cita com Afranio Peixoto na «a mais bella historia do mundo», o exemplo eloquentissimo da abertura do canal do Panamá, onde o homem que «não récuára deante do preconceito, do pessimismo, da inercia, da contradicção, do apego ao dinheiro, do medo de exilar-se das florestas tropicaes, dos alagadiços, das pedreiras intransponiveis, dos terrenos movediços, das inundações, de mil e uma incommodidades da natureza», teria de recuar deante da doença que trazia a morte, não interviessse a medicina preventiva para propiciar-lhe a realização do feito herculeo. Continuando, argumenta com a obra gigantesca de Oswaldo

Cruz, que muito mais contribuiu para o renome do Brasil, que todo o vasto e dispendiosissimo trabalho de nossas chancellarias.

A tal proposito estende-se em considerações sobre o problema da febre amarella, lendo, neste lance, alguns trechos de uma chronica de Coelho Netto, publicada em 1921, na qual o principe dos nossos escriptores, apontando o perigo da suspensão, a titulo de economia, da campanha anticulicidica, previa uma nova irrupção do terrivel morbo no territorio do Districto Federal.

Exalta em seguida a acção altamente benemerita do glorioso bahiano e sabio Prof. Clementino Fraga que repetindo, com o mesmo exito feliz, a façanha Oswaldina se fez credor da gratidão nacional. Refere-se ainda ao papel preponderante da Medicina na solução dos problemas educacionaes, criminologicos etc., e peróra concitando aos associados a perseverarem nos seus elevados propositos em prol do engrandecimento da Medicina para gloria da Patria e ventura da Humanidade.

Levanta-se após a sessão».

---

ACTA DA SESSÃO ORDINARIA REALIZADA EM 25 DE  
SETEMBRO DE 1929

Abrindo a sessão o Prof. Novis secretariado pelos Drs. Magalhães Netto e Clemente Guimarães, procede-se á leitura da acta da sessão anterior, que posta em discussão é approvada e recolhida ao archivo.

Passando-se á ordem do dia, fala o Prof. Octavio Torres sobre alguns aspectos interessantes da biologia dos mosquitos na Bahia. Começa SS. dizendo não ser uma communicação e, sim, uma serie de observações sobre o mosquito: lembra que quando ensinava aos mata-mosquitos, em 1914 e 1915, algumas noções praticas sobre a vida dos mosquitos (muriçocas), creando estes ultimos, teve oppor-

tunidade de observar phenomenos interessantes da biologia dos mesmos. Entre outras cita as seguintes observações: a passagem de murigocas adultas (*stegomyas*) atravez da tela de arame (millimetrica); a evolução das *stegomyas* em 8 e 10 dias principalmente no verão; a rapidez de evolução, do ovo a mosquito adulto, em aguas ricas em detritos organicos, e ao contrario a evolução muito demorada das larvas nas aguas puras e limpidas (pobres daquellas substancias); a destruição das larvas por um insecto a *belostoma*, conhecida vulgarmente por «barata d'agua»; a destruição das larvas pelos peixes principalmente pelo acará; a destruição dos mosquitos adultos pelo espurgo, etc.

Diz que estas observações foram feitas em companhia do Prof. Gonçalo Moniz. Refere que este ultimo conseguiu pegar e classificar diversas especies de mosquitos raros entre nós, e que, em entrevista concedida á *A Tarde*, em 1914, faz allusão a muitas destas especies. Lê trechos dessa entrevista, na qual o Prof. Gonçalo Moniz trata das seguintes especies: *C. confirmatus*, *C. singulatus*, *Culicelra taeniorhynchus*, *Mansonia*, etc.

Cita outras especies estudadas pelo Prof. Gonçalo Moniz entre ellas as seguintes: *Psorophora Scintillans* o (maior dos nossos mosquitos), *Taeniorhynchus Fasciolatus*, *Melanoconium Atratum*, *Celia Argyrotarsis*, *Culex Alpides*, *Limatus Durhamu*, *Soycomya Medio Albipes*, etc., algumas já descriptas por C. Bourroul, outras, porém pela primeira vez observadas. Mostra diversos mosquitos da collecção do Prof. Gonçalo, hoje pertencentes ao Laboratorio de Pathologia Geral da Faculdade de Medicina. Fala ainda sobre a verificação de *stegomyas* em focos da rua e da pegada de *Celia Argyrotarsis* em diversos pontos centraes desta capital.

Refere-se á questão de se darem novos e mudarem os nomes dos mosquitos, de vez em quando.

Posta em discussão, pede a palavra o Dr. Magalhães Netto, que felicita o Dr. Torres pela interessante communi-

cação, chamando a prioridade para estes estudos que pensava terem sido feitos pela primeira vez pela commissão americana, entre nós. Commenta a questão da evolução da estegomyia nas aguas ricas ou pobres, e limpas, nas collecções fóra das casas, nas bicas, nos ralos, calhas, etc. Refere-se á questão das anophelinas em domicilio, da importancia da obra de João de Barros Barretto, no Rio, e ás discussões sobre o assumpto levantadas no 3.º Congresso Brasileiro de Hygiene reunido em S. Paulo, em 1926. Termina citando os brilhantes trabalhos realizados pelo Departamento de Saude Publica em Santa Cruz.

O Prof. Flaviano Silva insiste sobre a questão da prioridade, da raridade dos focos de anophelinas em domicilio, ao contrario das stegomyas, da prophylaxia tropical (paludismo) e apoia em absoluto as palavras do Dr. Torres sobre o máo vesu de se multiplicarem os nomes das cousas, principalmente das especies dos seres vivos.

Estando esgotada a hora o Prof. Aristides Novis declara encerrada a sessão.

---

<b>BIOPHORINE</b>	<b>KOLA GLYCERO-PHOSPHATADA</b>
<b>GIRARD</b>	<b>NEVROSIS, ANEMIA CÉREBRAL, VERTIGEM</b>
	<i>A. GIRARD, 48, Rue d'Alsia, PARIS (FRANCE)</i>
	Depositario: FERREIRA, 165 Rua dos Andradas, RIO DE JANEIRO

# FALLECIMENTO

## Prof. CARLOS PINTO SEIDL

Foi dolorosamente sentido o inesperado trespasse do illustre medico brasileiro Dr. Carlos Pinto SEIDL, occorrido na Capital Federal, em 19 de Outubro ultimo. As manifestações que lhe foram tributadas pela classe, a que tanto soube honrar, ás quaes viéram associar-se a alta administração, o mundo official e outras representações sociaes, falam eloquentemente do profundo pezar da sociedade brasileira, ante o infausto acontecimento.

O Dr Carlos SEIDL occupou cargos do mais alto destaque, inclusive o de Director Geral de Saude Publica, a todos imprimindo o relêvo de que eram capazes a sua intelligencia e honestidade. Agora mesmo, acaba de prestar reaes sarviços ao governo, como Director do Hospital São Sebastião, no Rio de Janeiro, dando o remanescente das suas patrioticas energias á empreza que a si chamou o Departamento Nacional de Saude Publica, da restauração do archáico Hospital, convertido já em outros moldes de conforto, de hygiene e de capacidade para os doentes.

De pompa singular revestiram-se os funeraes do illustrado higienista. Falaram, á beira do seu tumulo, o insigne Miguel Couto, pela Academia Nacional de Medicina, o Dr. Portocarrero, pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, e um academico, pelos collegas internos do Hospital São Sebastião.

Eis as notas biographicas do Prof. SEIDL:

- « Nasceu em Belém (E. do Pará) a 24 de Nov. de 1867.
- Doutor em sciencias medico-cirurgicas pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1891).
- Director do Hospital S. Sebastião (30 de Março de 1892).
- Membro Titular da Academia N. de Medicina (1895).

Presidente da mesma Academia de 1912 a 1914.

Presidente da Sessão de Medicina Especializada da mesma Academia (1929).

Director Geral de Saude Publica (15 de Janeiro de 1912 a 18 de Outubro de 1918).

Professor Cathedratice de Medicina Publica da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro (1916).

Membro benemerito e Presidente Honorario da Liga Brasileira Contra a Tuberculose.

Commissario Geral do Brasil na Exposição Internacional Urbana de Lyon (1914).

Delegado do Brasil no Officio Internacional de Hygiene Publica, com séde em Paris (1912 a 1918).

Membro das seguintes associações: Sociedade de Hygiene, de Paris; Sociedade de Hygiene Publica e Engenharia Sanitaria, de Buenos Ayres; Real Academia Hispano-Americana de Sciencias e Artes, de Cadiz; Associação Internacional contra a Tuberculose, de Berlin; Sociedade de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal, do Rio de Janeiro.

Representante da imprensa medica brasileira na comitiva do P. Campos Salles, em sua visita a Buenos-Aires em 1900.

Commendador da Corôa da Italia (1917).

Official da legião de Honra, da França (1925).

Director-Proprietario da *Revista Medico-Cirurgica do Brasil*, fundada em 1898.

Presidente do Syndicato Medico Brasileiro (1928).

Membro do Conselho Technico e presidente da secção de medicina do Club dos Bandeirantes do Brasil (1928).

---

A *Gazeta Medica da Bahia* apresenta á Exma. Familia do illustre morto as homenagens do seu respeitoso pezar.

---